

A TENTACÃO DO CRISTIANISMO DE SEITA À CIVILIZAÇÃO

Aarón Eugênio Moreno Del Villar*

Resumo:

Del Villar apresenta uma obra de Jerphagnon e Ferry cuja questão básica relaciona-se ao surgimento do cristianismo e o seu contexto social, cultural, religioso e político. Analisa a relação dos cristãos com a religiosidade romana, com os rituais e a sociedade. A relação dos cristãos com a filosofia (de vida) grega é apresentada e comentada (razão e fé; cosmos e criação; logos e Cristo etc.) e algumas revoluções (teórica, ética e soteriológica).

Palavras-chave: Cristianismo: início; Cristianismo: religião romana; Cristianismo: filosofia grega.

Abstract:

Del Villar deals here with a Jerphagnon and Ferry's book which basic question is the spring up of the Christianity and its social cultural religious and political context in the Roman culture. Christian's relationship to Roman religiosity, rituals and society is the main point in the first part. Ferry's subject is more the contact points between Christian theology and Greek philosophy (faith and reason; cosmos and creation; logos and Christ...) and some deep revolutions that had place than (theoretical, ethical and soteriological).

Key words: Christianity: beginning; Christianity: Roman Religiosity; Christianity: Greek philosophy.

O presente artigo é um resumo que apresenta as idéias principais do livro: *A tentação do cristianismo. De seita à civilização*.¹ Foi um debate que teve lugar na Sorbonne em fe-

* Mestrando em Teologia da Missão no ITESP.

¹ L. FERRY, – L. JERPHAGNON, *A tentação do Cristianismo*. De seita à civilização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

vereiro de 2008, com a finalidade de responder estas perguntas: *Por que uma religião excêntrica como era o cristianismo tornou-se a cultura ocidental? O que fez com que o cristianismo passasse da condição de seita à de civilização?* É o que os autores buscam compreender.

O livro se divide em duas partes; a primeira, elaborada por Lucien Jerphagnon, trata da inculturação do cristianismo no Império Romano; e a segunda, de Luc Ferry, explica a vitória do cristianismo sobre a filosofia grega.

1. Por que o cristianismo? Do ponto de vista dos romanos.

Com essa pergunta começa a conferência de Lucien Jerphagnon. Após tratar da problemática de um cristianismo em evolução no interior de um paganismo também em evolução, o autor pretende que se verifique e observe o que acontecia no ambiente romano com a religião vivida no cotidiano.

Eis o mundo religioso dos romanos. Templos, estátuas, sarcófagos ornamentados, ex-votos, textos de todos os gêneros, tudo isso mostra que deuses, semideuses, deusas, ninfas nunca faltaram em Roma em momento algum de sua história. Tem-se a religião da família, a religião da região, a religião da cidade e, também, a religião do Império, com seus pontificados e suas celebrações oficiais; tinha também religiões vindas de longe, os famosos *mistérios*, que eram como apólices de seguro para a vida eterna. Certamente, Roma era devota. Aconteceu com os romanos, o que se vê na origem de todas as civilizações: a opacidade de um mundo do qual tudo se espera e tudo se teme e que remetia a uma transcendência. Portanto, era preciso que tudo fosse explicado e se justificasse: o que acontecia com a vida, a morte, o pós- morte, o amor, a política. E que se soubesse exatamente o que fazer e o que não fazer, já que tudo dependia dos poderes dos deuses que habitavam nos céus, sob a terra, nos ares, e que se manifestavam por meio de sonhos, visões, prodígios.

Do princípio ao fim de sua história, Roma viveu sob o olhar de suas divindades tutelares. Cada divindade tinha sua especialidade, suas exigências. Por esta razão os romanos tinham a preocupação da garantir os favores de todas e, sobretudo, não fazer inimizade com nenhuma.

O que os romanos pedem aos deuses?

Antes de tudo, que os beneficiem, que os tranquilizem. Daí a sempre presente obsessão do sacrilégio: cometê-lo é expor-se às represálias celestes ou infernais. Daí também o pormenor maníaco que preside aos exercícios do culto, e em todos os níveis. O ritual tem de ser observado ao pé da letra, mesmo que as pessoas não se lembrem mais do sentido dos gestos e das palavras. Segundo Valério Máximo, era exatamente a essa observação escrupulosa ao longo das idades que Roma atribuía a sua grandeza e a estabilidade de suas conquistas.

Nenhum dogma pretendia definir aquilo em que se devia crer e pensar sobre os deuses em geral, ou de uma deusa em particular; nem se proibia a iniciação em qualquer mistério exótico, desde que se estivesse em ordem com o religiosamente correto. Quantos ex-votos deixam entrever uma relação afetiva entre determinado fiel e determinado deus. *Não é de contrato que se deve falar quando se trata de religião grega popular, da religião da gente simples, dos humildes, mas de reciprocidade e de amizade.* Sendo assim, o que entrevemos no ambiente religioso no mundo romano nos ajuda a discernir o que, no cristianismo, provém dos pagãos e também o que poderia neles encontrar de tentador.

Para os romanos, os cristãos, gente como todo mundo, não rezava como todo mundo. Não que os censurassem por adorar o *Christus*, embora isso lhe parecesse insólito. O inadmissível era ouvir os cristãos sustentarem que o único deus era o *Christus*, precipitando com só golpe todo o Panteão no nada. Semelhante sacrilégio fatalmente escandalizava os que tradicionalmente esperavam tudo de seus deuses, começando pela segurança. Inutilmente os cristãos vão confirmar seu civismo, pagar os impostos, rezar por César, como afirmam tantos textos dos Padres da Igreja; de nada adiantará. Pois, os cristãos, ao se recusarem a realizar os atos sacrificiais julgados, desde sempre indispensáveis à grandeza de Roma e à sua segurança, não exporiam o Império a represálias por parte dos deuses, tão detalhistas nesse aspecto?

Lucien afirma:

se eu tivesse de resumir o que na religião cristã escandalizava os pagãos, diria que era a pretensão de ser a

única. Em compensação, o que desconcertava os pagãos era que o cristianismo parecia implicar o ser humano inteiro, corpo, alma, espírito, e não apenas o cidadão, como era costume desde sempre.

A civilização romana tinha confinado o religioso na esfera doméstica e política, e com um rigor inteiramente administrativo. Isso não poderia provocar um sentimento de vazio, de uma falta? De uma carência espiritual, se não metafísica? Naquela época, a filosofia podia ser um recurso, ou um socorro. Mas a filosofia só interessava a um pequeno número de letrados. E mesmo entre essa elite, não todos se contentavam com ela. De fato, o conceitual e o afetivo são propósitos diferentes de uma mesma consciência, mesmo na relação com o absoluto. Consequentemente, para alguns, uma falta afetiva poderia substituir em outro plano diferente do da sistematização do cosmos e do divino.

Aquelas consciências não se preenchiam nem com os ritualismos nem com os conceitos. A que pode aspirar aquele a quem obseda o sentimento de uma ausência senão de uma presença? As pessoas buscavam *um deus sensível ao coração*. É porque não se falava com o Olimpo, como também não falava Aristóteles com o primeiro motor ou Plotino com *para além da essência*. Não é fácil confiar suas angústias e suas esperanças à idéia de natureza. Eis que, encontrando cristãos, observando-os viver e morrer, conversando com eles, presentia-se como que outro modo de ver, de se ver os outros, e de entrever o divino.

Havia entre aqueles cristãos como que uma presença que eles eram os únicos a sentir. Uma presença que lhes inspirava totalmente o comportamento, não apenas o religioso. Mesmo entre eles, as relações pareciam diferentes. Como se nunca estivessem sozinhos. Como se aquela presença acompanhasse a todos e a cada um ao longo dos seus dias e, a dar-lhes crédito, para além da morte e por toda a eternidade. Aos olhos dos pagãos, aquele *Christus* tinha o maravilhoso necessário para creditá-lo enquanto deus: era previsível. As pessoas descobriam, maravilhadas, que para aquele deus um ser humano importava. E não apenas enquanto cidadão ou dependente de Roma, mas em quanto se experimentava um relacionamento pessoal.

A idéia de um deus amor implicava a de um amor sem fronteiras. Com o cristianismo, a devoção mudou de natureza. Não era mais uma questão de ritos a serem cumpridos em momentos determinados. Impondo-se um novo ritual: era a si próprio que se tinha de sacrificar como *Christus* se sacrificara. Era preciso oferecer-se ao deus, e também aos outros, que se tornaram igualmente irmãos e irmãs para serem amados com a si mesmo.

Foi essa valorização inesperada de todas as pessoas, e esse pensamento inédito do amor, o que o cristianismo tinha de fascínio e perturbador para o mundo romano.

2. Por que a vitória do cristianismo sobre a filosofia grega?

Nesta parte, Luc Ferry falará dos *pontos fortes e dos pontos fracos* da filosofia grega, estabelecendo esta hipótese: *A filosofia sempre foi, pelo menos em seus maiores momentos, secularização de uma religião.* Ela é sempre parte de uma representação religiosa do mundo e das relações entre os homens e os deuses e, essencialmente, ela sempre agiu para secularizar, laicizar a mensagem religiosa. A filosofia é a versão leiga ou racionalista da mitologia grega.

As lições da mitologia: a filosofia como sua forma secularizada e o cristianismo como seu rompimento radical.

A primeira mensagem da mitologia é que o mundo não é um caos, mas uma ordem, um cosmos como um mundo organizado, harmonioso e justo, belo e bom. No processo de secularização do mundo, a filosofia não deverá falar mais de *Gaia*, mas de *Terra*, não mais de *Urano*, mas do *Céu*, etc. Da mesma forma, *Hades* se tornará o subsolo, *Poseidon* se tornará a água. Basta transformar os deuses em elementos para passar da mitologia à filosofia. Evidentemente *mithos* e *logos* não provêm do mesmo registro, porém, existe mais continuidade entre eles do que habitualmente se crê.

É *Homero* quem apresentará a segunda mensagem da mitologia, que será secularizada pela filosofia, numa célebre passagem da *Odisseia*. Quando a *Calipso* apresenta a fórmula completa da imortalidade para *Ulisses*, este recusa seu

oferecimento. O significado dessa recusa é abissal: revela que o sentido da existência humana não é a busca da vida eterna. Aos olhos de *Ulisses*, o fim da existência não reside na salvação no sentido de uma conquista da imortalidade a qualquer preço. O fim da existência está em busca da harmonia, na concordância de si com a ordem cósmica garantida por *Zeus*: é este o fim de toda a viagem de *Ulisses* contado na *Odisseia*. Uma vida de mortal bem-sucedida é preferível a uma vida imortal fracassada.

O que é uma vida de mortal bem-sucedida?

É uma vida que aceita acima de tudo a finitude, a mortalidade como tal, mas que procura, no entanto, alcançar uma existência bem-sucedida visando à harmonia com o cosmos. Eis o supremo paradoxo: uma literatura totalmente impregnada de deuses, a mitologia projeta uma sabedoria leiga, uma sabedoria não religiosa, uma espiritualidade que permanece destinada aos mortais que não devem esperar dos deuses sua salvação.

São essas as duas grandes mensagens de que a filosofia grega vai se apropriar: o mundo é um cosmos, e o homem deve aceitar a morte para ocupar o lugar que lhe cabe. Há muito ainda a acrescentar a respeito dessas mensagens: seria necessário explicar por que a vida em harmonia com a ordem cósmica permitem que se vença o medo da morte, e também como ela permite que se viva o presente e se pratique longe desses dois males que, aos olhos dos gregos, são o passado e o futuro...

As três perguntas orientadoras da filosofia.

A primeira interrogação: *com o que se parece o mundo enquanto espaço de jogo da existência humana?* Trata-se de se ter uma imagem do mundo enquanto espaço de jogo da existência humana, como lugar no qual vai se tratar do sentido da vida.

A segunda interrogação: *quais são as regras do jogo?* Isso é a ética ou moral.

E a terceira interrogação: *qual é a finalidade desse jogo? O que jogamos? O que fazemos ali?* Talvez, por outro lado, não haja finalidade, sentido da vida... Talvez tudo isso seja apenas, de fato, um jogo.

A análise do terreno do jogo chama-se *theoria*; a ética ou moral são as regras do jogo; o objetivo do jogo é a terceira pergunta: a da sabedoria ou da salvação. A característica mais imediata dos humanos é a mortalidade, e a questão primordial consiste em definir o que pode ser uma vida boa para mortais: *levando-se em conta o fato de que vamos morrer, o que podemos fazer de bom aqui?*

A resposta estóica.

Para os gregos o cosmos era uma ordem organizada: harmoniosa e justa, bela e boa. Os estóicos vão, consequentemente, estabelecer uma equivalência crucial entre três conceitos fundamentais: *cosmos*, *theion*, *logos*. O cosmos é divino (*theion*) porque essa ordem do mundo, magnífica, harmoniosa e justa é superior e exterior à humanidade. Ela é transcendente em relação à humanidade. O cosmos é *logos* porque o mundo é lógico, racional. Ele é compreensível pela razão humana e acessível à inteligência dos pequenos humanos; ele é perfeitamente organizado. A ordem cósmica é ao mesmo tempo divina e racional.

O fim da teoria é ter uma visão, uma contemplação da ordem cósmica divina, por meio dela se passa do conhecimento à ética. A teoria nos serve para encontrar nosso justo lugar na ordem do mundo, nosso lugar natural; a justiça reside no fato de ser ajuntada ao cosmos.

Salvar-se do medo da morte: três abordagens possíveis.

Para os gregos havia três modos de enfrentar a morte: o primeiro simplesmente em ter filhos, uma *descendência* que faz com que, de algum modo, alguma coisa de nós permaneça depois de nosso desaparecimento. O segundo, o heroísmo. A glória oferece uma espécie de salvação, esta é a idéia de serem preservados em um livro, como os grandes heróis da mitologia. O terceiro, a filosofia. Somente o sábio vai triunfar sobre a morte. A morte é uma simples passagem de um estado a outro, onde o sábio se funde no cosmos.

Como o cristianismo rompe com os três aspectos – teórico, ético e soteriológico - das sabedorias cosmológicas gregas...

O que é que salva da morte? Em vez de salvar-se a si mesmos que pela razão, o que é se salvar por Outro (Deus), ou pela fé? O cristianismo vai instaurar três rupturas grandiosas.

Uma revolução teórica.

Primeiro traço. Para os estóicos o divino se confunde com a ordem lógica ou racional do mundo; vemos que o divino *logos* vai, no cristianismo, encarnar-se numa pessoa humana, no homem-deus, quer dizer, na carne mesma de Jesus, *o logos se fez carne*. Esta afirmação é totalmente escandalosa e até mesmo absurda para os estóicos. O divino não pode se reduzir a uma pessoa, por mais formidável que ela seja. A harmonia do mundo não pode ser uma pessoa. É a ordem cósmica que é divina, não esta ou aquela pessoa, por mais eminente que ela seja.

Segundo traço. O modo de captar o divino, não pode mais ser o da razão, é, evidentemente, o da fé. O problema, na verdade, não é saber se o Cristo é um objeto racional que se pode compreender como, segundo os estóicos, se pode compreender o cosmos; o problema é saber se confio nele e se acredito nele. Do ponto de vista da *theoria*, assiste-se, pois, a uma dupla revolução: a primeira ontológica, o ser supremo, o divino, deixa de ser uma estrutura anônima e cega para se tornar uma pessoa; e a segunda, epistemológica, o modo de apreensão ou de conhecimento do divino não é mais essencialmente a razão, mas a fé.

Terceiro traço. Os arrogantes filósofos sustentam o salvar-se por si mesmos. A arrogância filosófica, a pretensão de sempre pensar por si mesmo, vai dar lugar à humildade cristã. E essa humildade não é apenas a humildade do crente, é a humildade do próprio Jesus.

Quarto traço. A filosofia se torna *serva da religião*. Ela terá um duplo lugar, que Paulo já indicava nas cartas aos Coríntios. O primeiro uso da razão, que se poderia dizer *hermenêutico*, um uso que visa à *interpretação* das Sagradas Escrituras. O segundo uso da razão visa compreender não mais o sentido das Escrituras, mas a natureza como criatura de Deus, como criação divina. Contempla-se a natureza inteira porque ela deve carregar, de algum modo, as características do esplendor do criador.

Quinto traço. Com a vitória do cristianismo sobre os gregos, a filosofia vai, efetivamente, deixar de ser uma arte de viver, uma doutrina de salvação pela razão, para se tornar um comentário crítico de noções: substância, acidente, atributo, verdade, justiça, beleza, etc. A partir da virada cristã a filosofia vai ser, em consequência, transformada em escolástica.

Uma revolução ética.

Justino² compreendeu que a doutrina cristã da salvação era mais poderosa e crível do que toda a filosofia dos gregos. Esta visão de Justino provocou duas revoluções.

A primeira relaciona-se com a revolução moral introduzida pelo cristianismo. O mundo grego é, por assim dizer, estruturalmente aristocrático: há uma hierarquia natural dos seres e, falando de forma simples, é justo que os bons estejam *no alto*, e os maus, *embaixo*. Com a novidade da mensagem cristã dá-se uma reviravolta na natural concepção hierárquica do mundo helenístico: por exemplo, a aplicação da parábola dos talentos.³ É uma ruptura com o mundo aristocrático no qual a hierarquia social reflete as desigualdades sociais. A virtude moral não reside mais nos dons naturais, mas no que se faz deles, por isso o trabalho vai ser valorizado. São os cristãos que inventam a idéia moderna de igualdade, de dignidade dos seres humanos diante de uma visão aristocrática e hierárquica do cosmos dos estóicos. De aristocracia como era entre os gregos, a moral vai se tornar assim, sob a influência do cristianismo, meritocrática.

Uma revolução soteriológica (tocante à doutrina da salvação).

A salvação vai se tornar uma promessa que nos é feita por um ser consciente e singular, o Cristo, um engajamento assumido por uma pessoa em relação a outras pessoas. O que Cristo vai nos prometer não é a sobrevida sob a forma de um fragmento do cosmos (como pensavam os estóicos), ele mesmo impessoal e cego, mas é Cristo quem nos garante que pela fé, vamos poder reviver e reencontrar após a morte aqueles que amamos.

Evidentemente, a promessa é grandiosa... *aí está*, conforme Luc Ferry parece ver, o âmago do âmago da *tentação*

² Padre apologeta da Igreja no Século II.

³ Ela significa que o valor moral de um ser não depende dos dons naturais que ele recebeu de início, e sim do que ele faz deles; portanto, não da natureza e sim da liberdade (Mt 25, 14-29).

cristã, da sedução que o cristianismo vai exercer sobre os espíritos.

A doutrina cristã da salvação, entre todas as outras doutrinas da imortalidade, insiste mais do que qualquer outra no caráter singular, pessoal e inteiramente carnal de uma ressurreição que não atinge apenas uma alma imaterial e inconsciente, mas o composto singular da alma e do corpo.

Na tradição estóica, a doutrina do amor não tem uma solução, ele leva inevitavelmente ao apego, que é uma loucura, já que a verdade do mundo é impermanência, o fato de que tudo passa. Segundo Agostinho quando se fala do apego a Deus, quer referir-se a um terceiro termo que liga os seres entre si, assim que nos ligamos a esse terceiro elemento que é o amor divino. Amamos no outro a parte divina, justamente aquela que vai reaparecer na promessa da ressurreição dos corpos, então podemos amar, sem moderação. Em outras palavras, a promessa da ressurreição libera o amor.

A experiência religiosa do cristianismo foi seduzindo a religiosidade do mundo romano e a secularidade do pensamento grego. E, com a pretensão de se constituir como a única religião diante de um mundo que tolerava muitas religiões, pois o cristianismo seduzia o mundo pagão romano com a proposta de um relacionamento pessoal e próximo com um Deus a quem o ser humano importava. E, sendo uma alternativa de salvação diante da visão racionalista da filosofia, o cristianismo seduziu o pensamento grego onde o cristão se constituiu como sujeito pessoal, individual, relacional e transcendente.

Concluindo, o presente resumo consiste na tentativa de tornar acessível o interessante debate sobre a maneira como a mensagem cristã se inseriu no mundo greco-romano. Pelo que se pôde compreender, havia nesse mundo um terreno fértil para que o Evangelho se apresentasse como uma Boa Nova ao *sentir religioso dos romanos* e ao *anseio de salvação dos gregos*. Resta-nos hoje o desafio de nos sensibilizar pelos elementos culturais que possibilitariam uma evangelização que revele e mantenha a mensagem cristã como fonte de alegria para os deserdados da terra.